



2 MOA SIPRIANO
ZURROS



MOASIPRIANO.COM

2URSOS

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração
Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia
pixabay.com
dafont.com

Todos os direitos reservados a
Moa Sipriano

Site oficial & Contato
moasipriano.com
escritor@moasipriano.com

Urso Left

Pânico!

Foi a reação encravada no meu mamilo esquerdo quando me dei conta que havia algo muito errado comigo:

Argh! Uma legião de pelos carcomia minhas partes baixas!

Jamais vou esquecer o dia em que acordei antes da hora e me dei conta que uma penugem negra invadira minhas pernas tortas, branquelas, desproporcionais.

Fios de cobre. Maldito presente prematuro. Era mais um motivo para eu me sentir “O Diferentão” na escola.

O.K.! Sempre fui muito superior ao meu grupinho em matéria de intelecto e sensibilidade. Porém, eu sentia uma tremenda inferioridade no turbilhão de sensações que não batia em nada perante o que outros meninos experimentavam entre si.

Aos doze, época em que assumi a devida atenção aos meus primeiros fios sedosos, um misto de raiva e orgulho divididos na mesmíssima proporção turvava minha precoce adolescência.

Era curioso ver o Poste aqui refletido no espelho. Lembro-me que nas manhãs encalhadas, estupefato, eu adorava acariciar o tufo cremoso a envolver meu pintolino deslocado.

Durante um montão de madrugadas após a zilionésima punheta-prazer-novidade, eu relaxava enquanto alisava minhas coxas ardentes, curtindo a maciez do meu caricato selo de macholinidade.

Por mais que eu me sentisse um tanto sujo por carregar aquela trepadeira farpada, até que era divertido ousar nos modelitos de calções que pudessem destacar minhas pernocas viris.

Eu adorava desfilar diante dos garotos, todos lisos e tontos, que secretamente invejavam minhas varas de garça, peludas, provocantes.

Duas estacas de homem-feito.

O contrário também era uma verdade: nos treinos, os caras da equipe de vôlei juvenil passavam por mim e me chamavam de “rosinha”.

Eu era o levantador da equipe infantil e na ala feminina havia uma Rosinha que desempenhava a mesma função. Como éramos boceta e Asics Tiger, to-

dos tiravam sarro da nossa amizade pra lá de “feminina”. Eu me perdia em quadra, tremendo sem controle, alimentando ódios daqueles cretinos e, ao mesmo tempo, louco de tesão pelo meu maior desafeto: Marcelo, o capitão do time estrelado, o mais endiabrado garoto da escola e o único que já havia enfiado a ponta dos dedos nas partes íntimas de uma menina, segundo o plantão fofocônico do Stella Maris.

Em muitas ocasiões, Marcelo chegava antecipado para os treinos. Era comum a gente se esbarrar na quadra, pois eu vivia metido em tudo quanto era atividade física na escola; só para não ficar em casa aguentando um pai depressivo e uma mãe sem noção.

Marcelo gostava de me usar: eu era o seu levantador-escravo favorito.

Meu deus! Quantas horas passei levantando bolas para o Rei treinar suas pancadas?

Eu levantava, ele espancava a bola. Eu corria pegar a Mikasa, bem reboativo. Ele morria de rir do meu jeito afetado.

E tudo era um suspirante moto-contínuo.

Eu, atordoado e submisso diante daquele macho platônico – cópia escrita-e-escarrada do Rômulo Arantes –, era todo sorriso e dedicação. É óbvio que eu seria capaz de fazer qualquer coisa pelo meu primeiro homem-desafeto-tesudo.

Voltando aos pelos. Com quinze eu já me tornara um homem-Homem no lado físico da coisa. Não chegava a parar o trânsito, mas as garotas adoravam dar em cima de mim nas baladas de sábado lá no Blumen’s.

Eu fugia de todo possível contato, me atarracando ao carinha que dava o som, ajudando-o a separar diversos discos para que ele selecionasse, sem critério, qualquer bambee-gees ou paula arghbdul capaz de manter a meninada remexendo ou se enroscando sem parar, todos bem longe de mim-eu-mesmo!

A tortura maior? A maldita hora das baladas.

Quando Phill Collins ou Rick Astley entravam em cena, era um sufoco de escolhe daqui, puxa de lá, de pelo-amor-de-deus-dance-comigo, onde eu sempre corria para o banheiro, repleto de urticária só de imaginar em ser atacado por uma fêmea em ascendente desespero.

Foi no banheiro de um inferninho adolescente que experimentei os primeiros prazeres a dois.

Hans, um dos garotos da minha turma de vôlei, adorava se enfiar num reservado para fumar os cigarros afanados do pai.

Eu amava aquela subversão. Com o passar dos tempos, compartilhávamos as delícias do proibido: primeiro o cigarro, depois um trocar de punhetas e, num belo sábado de setembro, a intuição gritou alôuca, onde me deu na telha de explorar minha língua no pau dele.

Foi um acontecimento estranho, inusitado, incomparável!

Assustado, eu até gostei. Transtornado de ansiedade, ele até amou. E assim curtíamos as madrugadas nos deliciosos sábados noventistas.

Tudo em segredo. Tudo no escuro. Tudo no vazio. Tudo no enrustido.

* * *

Pânico! – Parte II.

Sábado. Chuva. Acordei aos dezesseis.

Quando encarei a realidade, assumindo que minhas costas foram realmente tomadas por um embrião a se transformar num espesso casaco de pelos negros, aquilo me promoveu um palpável estado de profundo desânimo.

Descobri o que eu mais temia: eu puxara Antônio, meu avô, o cara mais pelúnico da nossa família.

Implorei, literalmente em joelhos, para que meu pai deixasse minha mãe aparar aquela coisa HO-rro-ró-ZA!

Eu não queria ficar igual ao meu avô paterno. Muito menos chegar à maturidade parecendo o Capitão Caverna...

... apesar de eu sentir muito tesão por ele!

Diante da recusa dos meus pais em permitir que eu retirasse tais alfinetes indesejáveis das minhas costas largas, passei a usar camisetas que impediam o Universo observar a aberração que eu era.

Pelos no peito, nas coxas, nas costas; uma barba espessa que insistia em sorrir para o mundo; braços e mãos que um dia foram tão branquinhos, agora eram tomados por uma capa ébano de fios macios, volumosos, desconcertantes.

O.K. As coxas, agora bem musculosas, de repente... eu até curtia toda aquela cobertura lá embaixo. Mas só lá no lado Sul!

Eu ainda gostava de desfilar com as lindinhas de fora, provocando olhares de desejo, inveja, espanto. Mas da bunda pra cima, principalmente sentindo aquela trepadeira a usurpar toda a extensão das minhas costas rústicas... *Gsuis*, aquilo era demais pra mim!

Eu odiava meus pelos traseiros. Tal aborrecimento acumulado promoveu bizarrices durante minhas primeiras relações sexuais.

* * *

Sempre fui o típico Bicha do Mato.

Até os meus dezoito anos, jamais tinha posto os pés fora da ilha.

Tirando as chupadas no Hans e uma ou outra aventura com algum turista da mesma idade que visitava Lovland na alta temporada, eu praticamente me sentia virgem no que se refere a uma exuberante trepada completa.

A primeira vez que eu dei o cu foi algo... burlesco, trágico, marcante.

Eu caminhava por Gobsun, a praia mais bonita da ilha, voltando de um treino exaustivo. Já passava das seis. O sol corria para o seu descanso habitual, quando percebi um carinha batendo uma, deitado na areia, tentando esconder parte do corpo atrás de uma duna meia-boca.

O coitado tomou um baita susto quando viu a Ursa Maior se avolumando diante de si. Ele tentou esconder o cacete duraço e melado dentro dum resto de pano almofadado, sem sucesso.

Esfalfado, o Tosquinho procurava a localização exata da sua magrela enferrujada que jazia a dois metros de onde patinávamos.

Ajoelhei-me diante da presa, prensando suas pernas na areia com o peso estúpido das minhas garras suadas.

Dominando a situação, tentei acalmar minha espantada vítima, enfiando minha cabeça salgada no meio das suas coxas meladas, roçando minha língua mentolada a partir dos seus joelhos tremulantes; em seguida lambendo-lhe as bolas escondidas dentro do tecido encharcado de ingenuidade.

A noite abraçou nossa inocente putaria. O garoto curtiu a ousadia, liberando o pintassilgo para os meus delírios homoeróticos.

“Meu nome é Fons. Tenho dezessete, quase dezoito!”, ele disse.

“Continua. Cai de boca aí, carinha”, ele completou.

Pouco me importava sua identidade social. Apenas cumpri a segunda parte com louvor. Chupando, engolindo e vibrando aquele pinguelo saltitante.

Fons segurava minha cabeça, empurrando-a para baixo, me fazendo sufocar com o Inexistente. Reviravoltas corporais, quando dei por mim ele já me havia posto de quatro, cuspiendo nas mãos areadas, lubrificando meu travado orifício em chamas.

Eu tremia, mas tentava manter a pose, pois não queria dar o gostinho pra ele, revelando minha virgindade rabal.

Lógico que ele não ia acreditar, ainda mais depois do boquete profiça degustado entre nuvens de fogo e enxofre.

Então, apenas tentei relaxar e deixar o Esforçado meter o Mindinho. Eu sabia que não ia sentir dor – não com aquele tipo de pau!

Bota cabecinha, empurra, empurra mais um pouco. Foi difícil a coisa acontecer. Após muita cusparada e muito suor liberado, eu era premiado com a glória de ser fodido pela primeiríssima vez!

Tudo muito bom, tudo muito bem, mas Fons cometeu o pior dos erros.

Enquanto galopava sobre minha pelúnica pessoa, ele insistia em apertar os bicos dos meus peitos.

Eu incorporei a própria Mimosa, pronta a espargir creme de leite devidamente pasteurizado por todos os poros. Desconfortável com o ato, tentei relevar aquela fantasia medonha.

Mas a merda correu solta quando o idiota forçou a retirada da minha camiseta, empurrando o tecido para os lados, buscando lambar minhas costas.

“Mexer nas minhas costas não, caralho!”, urrei, dando uma bundada no adversário. Fons ignorou meu aviso, quase rasgando minha indumentária.

Não carreguei dúvidas. Empurrei o Bosta para longe de mim, gritando, bem afrescalhado, um aviso ao Entrave: que ninguém podia arrancar minha camiseta, muito menos bolinar os pelos das minhas costas.

Fons ficou travado, segurando o frangote melecado, sem saber o que fazer, para onde ir.

“E aí, cara, você vai me deixar assim, sem gozar?”

Tentando recuperar a calma, apalpei o saco do *bofie*, acariciando-lhe as bolotas. Ele abriu aquele sorriso um tanto contrariado, porém curtindo gostoso o teclar dos meus carinhos sensuais.

“Vai, fica de quatro de novo, tira de vez essa roupa. Deixa eu foder teu cuzinho, meu ursão gostoso!”

Ursão? O FDP me chamou de... “ursão”?

Invocado, apertei-lhe os bagos até ouvir um estalo imaginário. Ganhei um uivo delirante, deixando meu oponente rodopiando em dor atônita, contorcendo sua fúria na areia cáustica, feito um rabo de lagartixa recém-decechado.

“Eu te mato, seu viado filh... da put...!”, ele gemia.

Ignorei o idiota. Recompus minha beleza em atos sincopados, curtindo o marulho das ondas. Abandonei o traste gemendo láááátrás.

Continuei minha caminhada, puto, desnorteado, serelepe, feliz a cantar.

E sem um pingo de dor no rabo. Que ódio!

Essa foi a minha escalafobética primeira vez.

* * *

Aos vinte e dois, o que ainda me deixava praticamente recluso era o fato de eu não conhecer mais ninguém igual a mim.

Pode parecer uma puta panguice, mas foram inúmeras as ocasiões em que me comportei feito um imbecil, chorando escondido na hora do banho, olhando o reflexo embaçado do meu corpo agora roliço; aquela massa bronzeada a sustentar uma vasta cobertura pelúdica, negra, lustrosa.

Eu olhava para os modelos da revista *Alone* e todos eram lisos, musculosos, definidos, mesmo diante da evidência definitiva da falta de um cérebro (ou puro desespero em ganhar uns trocados).

Eu andava pelas ruas e praias da ilha, observava outros caras e constatava tudo sempre muito liso, muito magro, muito plastificado.

Quando rolava a chance de ver um peludo – na maioria das vezes, um forasteiro –, geralmente era um coroa caindo aos pedaços entre pelancas e tufo de pelos grisalhos, ambos quase transparentes.

Numa pegação, eu até curtia caras acima dos trinta, mas somente machos que não permitissem estragos irreparáveis em suas moradias velhúnicas.

Descobri uma possível salvação para todos os meus problemas ao me deparar com um folheto encontrado no banheiro público da Rua Weiss. Era um caso do acaso bem marcado na carta dum Tarô.

“Taroh”, nome de uma boate que seria inaugurada na próxima sexta.

Vinte e três horas. Local: Cidade Cinzenta, a terra estranha que se esconde do outro lado da ponte.

Eu? Sair da ilha e encarar o Novo? De onde viria a coragem? Visitar um lugar lacrado repleto de homens desconhecidos, atrevidos, famintos?

Meditativo, foram horas de “vou-não-vou”, trancado no meu quarto, nu em pelos, lendo e relendo as informações contidas naquele quadrado de papel brilhante.

Suspirando em falsete, rodando o passaporte para a Liberdade entre meus dedos chacoalhados, o que mais chamou minha atenção foi apreciar a imagem de fortões vestidos em couro, onde a fatura de pelos era evidenciada sem culpa.

Homens poderosos com fuça de Macho, vertendo sensualidades, provocando minha libido-caipira-embotada.

* * *

Sexta chegou!

A Dona Coragem precisou ser acorrentada nos meus tornozelos, sem chance de me abandonar diante do Desconhecido.

Tentando não parecer um Mané, busquei inspiração numa Ele-Ela, onde encontrei a foto de um cara bem machão, pronto para deflorar uma falsa loira, usando um jeans apertadíssimo, camiseta branca que realçava bem os pelos peitorais e braçais, e outra camisa por cima, em flanela, com estampas de traços mondrianos. Um par de botas rústicas completava o visual matador.

Como minha barba cresce em jatos, foi fácil dar um belo trato na mesma, emoldurando com perfeição meu rosto bolachudo, que ficou com ares de “quadrado”, viril, provocativo.

Tomei o último ônibus que deixou a ilha pontualmente nove da noite.

Embascado, fui coroado com as luzes do centro da cidade sufocante, trinta e nove minutos depois.

Muito brilho, muito barulho, muitas novidades.

Tentando não parecer “de fora”, ainda na rodoviária me precavi, analisando um mapa das redondezas.

Graças a Uriel que a tal da Taroh não ficava tão distante assim de onde eu estava. Dava para ir desfilando!

Andei em passos curtos, meio travados, atento a tudo e a todos. Mesmo megatímido, senti puta orgulho ao perceber quilos de olhares esperançosos espetando meus lábios e meu traseiro.

Foda-se se eram olhares de “olha gente, que caipira!” ou de “hummm, que delícia de carne fresca!”.

Mantive confiança no andar: faróis ligados, barriga (com muito esforço) para dentro, olhar esnobe focando o alto, o além!

Feche os olhos e imagine uma versão “lenhadora” de John Travolta besuntado em gel-cola!

Pronta para a-RRÁ-zar... *alôka!*

Havia uma generosa fila do lado de fora do antro do meu novo prazer.

Maravilhado, quase em lágrimas, focar aquela multidão em couro e pelos fez com que eu finalmente me sentisse parte do *meu* mundo.

Enfim, havia outros como eu, buscando o mesmo que eu; que certamente enfrentavam milhões de dilemas que eu também enfrentava por dentro e por fora.

Mais e mais purpurinados trogloditas barbudos foram chegando. Mais e mais olhares bem descarados consumiam minha virgindade social, sem piedade.

Olhares que provocaram ereções voluntárias, tanto em mim quanto naquele outro que passou esbarrando de propósito nos meus virginiais pelos eletrificados.

O medo há tempos desfez todas as amarras. Senti uma liberdade que jamais imaginei ser possível. Estufei ainda mais os peitões acesos, olhando por cima de todas as carecas, aguardando com nitro ansiedade a minha entrada triunfal naquele Clube de Ursos em couro, músculos, poses, barbas e pelos...

... muitos pelos!

Urso Right

Para mim foi fácil aceitar o desafio bem escolhido.

Aos treze, eu saquei que era “diferente” dos outros garotos.

Quando os hormônios começaram a cumprir seu papel, enquanto meus amiguinhos se fartavam na punhetaria recém-descoberta, olhando mulheres de calcinha e sutiã em catálogos do tipo avonínicos, eu já me atrevia nos prazeres ocultos do bolinar um ou outro coleguinha – via intuição bambeeana – quando convidava meu lesadinho a pousar em casa, na época dos deliciosos estudos conjuntos para uma abençoada prova escolar no dia seguinte.

Troca-troca deveria ser meu sobrenome. Pena que não era. Oficialmente.

Eu já fumava abertamente aos quinze. Mas logo aos dezesseis caiu a ficha, quando perdi um tio, vítima de merda na garganta, em consequência da porra do tabaco.

Nunca mais coloquei nada nicotinoso no vão dos meus lábios. Apenas outros bastões passaram a me proporcionar o devido prazer.

Assumir minha homossexualidade foi “doispalito”.

Voltando do colégio, numa bela tarde de quarta-feira, cheguei pra minha mãe – que preparava a mesa pro nosso almoço – e afirmei de bate-pronto que eu era Fruta.

Um fofo Moranguinho de tenros dezesseis.

Minha santa mãe, uma mulher simples, mas vivida, nem sequer piscou.

Introspectiva, entre uma garfada e outra, ela confirmou que “toda mãe sabe, mas poucas toleram e raras aceitam, ao menos assim, na lata!”.

Em seu discurso sincero, isento de rodeios, ela apenas me pediu para eu não me transformar, digamos assim, num “viáááádo”.

Na sua cabeça platinada, ela tinha posto um homem no mundo e o trataria como homem até o fim dos dias.

“Eu não consigo entender o que dois sujeitos podem fazer na cam... intimidade”, ela suspirou, ruborizada.

“Mas espero que quando você se relacionar com um ser igual a você, que você se comporte como o macho da situação!”, ela completou.

“Acho horrendo a postura dessas bichas de carnaval, dessas bandeir-Ro-

sas. Não é necessário quebrar os pulsos e falar como se tivesse Vick Vaporub nas entranhas para se viver o que se é, ou escolhe, ou se tem de experimentar, sei lá!”, filosofou minha ingênua, santa e levemente preconceituosa mãezinha.

Eu acatei suas ordens e desejos, estarrecido.

Apesar da sua postura arcaica, eu jamais poderia imaginar tamanha desenvoltura em menos de dois minutos de revelações expostas através da Dor e do Amor.

Ela me aceitava e me amava exatamente como eu era. De minha parte, para satisfazê-la, eu apenas tinha que honrar minhas bolas diante dela e da família, segundo sua mente-preconceito embebida no desconhecido.

O resto? Nós tiraríamos de letra.

Mesmo ambos engolindo boa dose de homofobia perante os “femininos”, ter a compreensão materna foi meu melhor alicerce.

Desde aquele meio-dia de meio de semana, nunca mais tive medo de expor o que eu sentia, era, vivia.

Nos primeiros enrosocos – vulgo “maquetes de namorados” –, eu fazia questão de permitir que minha mãe participasse dos meus sentimentos e conquistas.

Discutíamos o Amor, as relações, as dificuldades do convívio.

Uns caras ela até curtia. Outros (a maioria), ela se abstinha.

Minha mãe era muito rígida num ponto: eu só podia me relacionar com rapazes da minha idade. Nem pensar em sair com um velhote, pelo menos até que eu atingisse a maioridade.

Não posso afirmar se essa influência gerou algum impacto nos meus gostos. Mas homens acima de trinta e poucos não despertam meu apolíneo gigante adormecido.

Santa Teresa perdeu o amado muito cedo. Meu pai volitou para o andar do lado quando eu tinha uns oito anos incompletos. Desde então, passei a ser o homem da casa e do coração daquela mulher.

Minha mãe sempre foi muito preocupada com minha felicidade. Ela não mediu esforços para que meu caminho fosse isento de grandes percalços.

Não que ela facilitasse tudo para mim, pelo contrário!

Dona Teresa apenas ilustrava opções para que eu pudesse, sozinho, me desvencilhar das armadilhas da Vida.

Principalmente sobre o fato de eu ser gay, ela foi uma guerreira, não

permitindo que eu mesmo me deixasse abater por comentários e atitudes rebuscadas dos Ignorantes.

Ela assumia as dores do filho assumido. Juntos, finalmente aprendíamos a conhecer e conviver com a Diversidade.

Santa Teresa. Grande mulher. Minha mãe.

* * *

Sexo, para mim, sempre foi de extrema importância numa relação.

Esse papinho de que sexo é meramente um complemento é coisa da cabeça de gente desajustada ou que não saber meter.

Por outro lado, mesmo sendo um puto responsável, devotado do Santo Condón desde sempre, nunca curti aventuras sem cultivar ao menos uma gota de bom sentimento acima da fodaria.

Primeiro eu transava com o cérebro.

Só depois eu decidia se faria amor com o dono dele.

Dos meus treze aos vinte e um, tive uns trinta piás que peguei, na boa.

Porém, se eu for contar as trepadas cama-mesa-banho, a estatística cai drasticamente. Até hoje, não ultrapassei a marca de oito serviços completos.

Aos vinte e dois, de repente, meu tesão foi dar um tempo naquela ilha remota no lado oculto de Lilith.

Eu já não sentia mais vontade de fazer banheirão, caçar em parques públicos ou tentar a sorte nas saunas clandestinas repletas de casados enrustidos em constante aflição no rabo.

De repente, bateu aquele desejo de me apaixonar de verdade. De viver um amor, de me entregar por inteiro a alguém que tivesse tudo a ver comigo.

Sei que nunca vai rolar aquele romance de glovela, mas eu não desistia de idealizar o carinha certo para ficar do meu lado, pelo menos na atual fase da minha existência.

Nunca acreditei em Príncipes Encantados. Só aceito Homens que assumem que gostam de machos, onde o casal formado esteja disposto a construir momentos de Felicidade em realizações conjuntas.

Naquela sexta, sozinho e sem um pinga de inspiração, bateu a louca de dançar e me jogar ao som do Jimmy Somerville.

Um amigo seria o DJ da novíssima Taroh e foi através dele que ganhei um passe livre carimbado num papel brilhotoso.

Sem nada melhor para fazer, me arrastei até o Casulo dos Ursolitários. Pelo menos estaria na companhia dos irmãos *ursounds* porretas.

Sorte a minha que “pelados” são barrados na porta!

* * *

Meia hora de cerveja. Uns requebras. E mais cerveja.

Entre um gole, um sacolejo na pista de dança abarrotada e mais um gole ácido a rasgar humores, meus radares tentavam captar uma presa para ao menos vinte minutos de beijos e boas pegadas.

Eu precisava beijar. Muito!

Eu queria não ser o primeiro a tomar iniciativas.

Right procurava um Left: o complemento, o ideal, o amor, o buraco exato para agasalhar meu caralho pidonho de atenção e afagos.

Sem conseguir explicar, eu estava morrendo de atrozes vontades, ao mesmo tempo em que não sentia o mínimo tesão nas dezenas de Catataus disponíveis na festa.

Santa Donna Summer dos necessitados de Amor. Rogai por nós!

Aifiulovi. Êita santa do caceta!

Décima cerveja, vigésima dança oculta no centro dos solitários canibais. Trigésima olhadela ao redor. *Aifiulovi*. Ali está ele. Eu sabia que era ELE.

O caipira tomou a iniciativa. Rendi-me de chofre aos seus encantos.

Meu tão sonhado Left, sem palavras, conquistou minha atenção com seu jeito único, simples, autêntico.

Eu tinha convicção de que estava amando... pela primeira vez!

Ele deu o segundo passo. Eu quis recuar no terceiro.

Não sei como descrever, mas nós já sabíamos que o pacto estava selado.

Antes. Depois. Agora. Pouco importa.

Nós... simplesmente... já sabíamos de tudo!

2URSOS

“Oi.”

“Olá.”

“Começamos pelo aperto de mãos e um breve currículo?”

“Acho que sim. Sou o Left, tenho vinte e dois e, acredite ou não, é a minha primeira vez num lugar desses.”

“Eu sou o Right. Também vinte e dois... e meio! Não é a minha primeira vez num ambiente colorido, mas é a primeira vez que encontro uma pessoa real no meio desse carnaval de suor, ilusões e corações desorientados.”

“Não entendo suas colocações. Não tenho ideia de como tive coragem de abordá-lo. Não sei o que dizer. Mesmo sabendo o que preciso dizer, agir, soltar...”

“Hoje eu só esperava um corpo de escape. E não seria difícil terminar a noite entre bundas cabeludas escolhidas aleatoriamente. Sexo sem identidade é fácil. Fazer amor com o cara certo é uma loteria.”

“Eu vim movido pela curiosidade. Superado os obstáculos que precisei deslocar na minha cachola, oh, acredite, para eu estar aqui e ainda mais contigo, foi um feito heroico! No meio dessa neblina me senti livre, igual aos meus iguais. Confesso, não nego o desejo de experimentar outras sensações, corpos e cheiros. Beije uns dois. Amassei uns três também. Fui parcialmente consumido por mais dois (risos)!”

“Eu compreendo sua entrega e suas descobertas. Isso é necessário. Faz parte da nossa evolução naquilo que precisamos sentir, viver, experimentar, conhecer, compartilhar, para depois discernir o que é o melhor para nós.”

“Eu não compreendo você. O barulho. Os olhares. Os devoradores. Eu quero sair daqui. Onde podemos ir?”

“Meu quarto seria uma ótima pedida”

“Isso não é um tanto... precipitado?”

“No nosso caso, é uma necessidade. Pode apostar. E confiar em mim!”

* * *

“Confortável?”

“Sim, muito. Obrigado!”

“Quer beber algo? Tenho cerveja bem gelada... lá embaixo.”

“Cerveja é bom. Mas, sinceramente, antes eu preciso de algo *caliente* aqui, agora. Eu não aguento mais esperar!”

“Seria atrevimento de minha parte roubar-lhe o primeiro beijo apaixonado?”

“Seu idiota. Se for o primeiro beijo do Amor, quero ser sua vítima o resto dos meus dias!”

* * *

“Curtiu meu pau?”

“Leia meus pensamentos, pois minha boca está ocupada demais para emitir certas respostas.”

“Chupe!”

“Beije-me!”

* * *

“Cara, ou você é apertado demais ou está tenso demais!”

“Ou seu caralho que é desproporcional demais!”

“Quer que eu pare um pouco?”

“Prefere ser trucidado pelas minhas garras se ousar tal possibilidade?”

* * *

“Foda-se toda regra. Deixe marcas profundas entre os pelos das minhas costas trêmulas. Morda-me. Dilacera-me. Liberte-me dos meus demônios. Assim. Por favor. Não pare, Right. Morde. Fode. Rasga!”

“Left, Left, desarmo suas amarras. Sinta. Permita se envolver pelo meu corpo, meu calor, meu Amor, meu sexo sancarrão. Rasgo-lhe as pregas da idiotice, do tabu, do invólucro da ignorância!”

“Tivemos sorte. Muita sorte, Right! Pois você fode minha carne ao mesmo tempo em que ama os pelos do meu espírito liberto!”

“Cale-se! Não merecemos a filosofia de uma Gnose falida. Samael estava errado. Um casal de homens praticando o Tantra não se transforma em

vampiros. Sinta a estocada do meu caralho, Left. Sinta o alicerce do meu Amor, seu porra!”

“Prometa que vai me foder assim, todos os dias, todas as noites, todas as sextas tristes de verão!”

“Só se você prometer que ficará calado, apenas gemendo, sentindo meu báculo no seu rabo sagrado... só assim eu serei seu para todo sempre!”

“Prometa que vai me cobrir de prazeres e que nossos pelos se unirão no entrelaço de algo que nunca terá um fim!”

“Eu prometo. Filho da puta! Eu vou gozar. Morfético! Eu amo você, Left. Eu sempre amei você, seu porra!”

“Minha porra está vazando. Oh, que tesão! Que delícia. Inunda-me Right. Afogue meu rabo com sua essência vítrea. Pegue, segure a outra pistola que sapeca liberdade!”

“Caralho, que maravilha, Left. Quanta porra, seu porra!”

“Respire fundo. Fique dentro de mim até o Estupendo relaxar. Repouse seus músculos no tapete felpudo não mais virgem! *Ha-ha-ha*, eu sou um idiota. Um idiota feliz!”

“Todo apaixonado é um idiota esperançoso!”

* * *

“Acordado?”

“Sim. Sentindo o pulsar do seu coração sobre o meu.”

“Mais alguns minutos e outra coisa vai voltar a pulsar dentro de você.”

“Vou adorar. Posso lhe pedir uma coisa?”

“A resposta é: sim.”

“Sim? Como assim?”

“Você quer aprender a foder, não é?”

“Como você sabe disso?”

“Não importa, Left. Eu vou ensinar tudo a você.”

“Você já deu alguma vez?”

“Prometa que ficará calado, apenas gemendo, sentindo seu caralho a desbravar meu rabo experiente... e seremos Completos na eternidade. Quer que eu desenhe?”

* * *

“Feliz aniversário, Left!”

“Feliz aniversário, Right!”

“Vinte anos juntos! Quem diria?”

“Caso sem acaso bem marcado na saudosa Taroh!”

“Sim, você tem razão, Right. Minha primeira escapada oficial. Meu encontro certo e sortudo junto ao incrível amor da minha vida!”

“Sabe por que tivemos essa sorte, Left?”

“Sim, eu acredito que domino a resposta. Naquela sexta, procurávamos escape. Você, algo contra o tédio. Eu, superar muitas limitações...”

“Continue, Left, enquanto tiro essa roupa toda.”

“Nós não procurávamos o Amor. Mas ele, claro, soube meter seu pitaco no instante ideal, mesmo lampejando num ambiente não propício! Ai, calma, caralho. Você vai rasgar minha calça nova!”

“Desculpe-me. Quem manda insistir em dois números menores?”

“Quero trepar a noite inteira, Right!”

“Quero amar você, foder você, sentir você a vida toda, Left, como se fosse a primeira vez!”

“Então o segredo do nosso sucesso, aliás, o segredo do sucesso para um amor peludo como o nosso é...”

“Nunca procurar. Permita-se ser encontrado!”

“Viva o Amor, Right!”

“Viva o nosso amor, Left!”

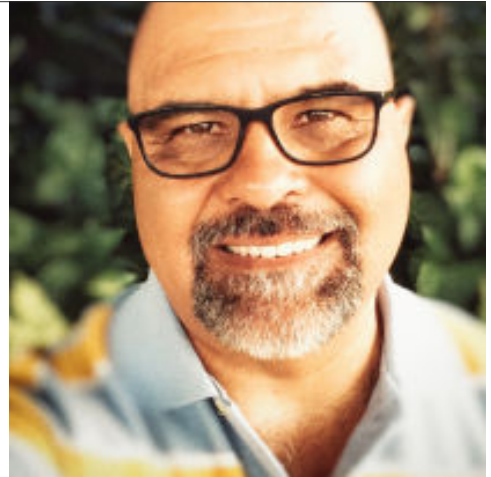
“Enquanto você me chupa, Right, posso por uma música?”

“Hhhmmmm!”

“Pelo seu gemido nada enigmático, a resposta é ‘sim’. Então... viva nossa Santa Rainha!”

* * *

Aifuooooovviii. 2Ursos felizes... para sempre!



Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

* * *

Para conhecer todas as obras: **moasipriano.com**

E-mail: **escritor@moasipriano.com**

Facebook: **facebook.com/moasipriano**

Instagram: **instagram.com/moasipriano**
